A TEMPESTADE

de William Shakespeare
(1564 – 1616)

RESUMO DA NARRATIVA

Escrita por volta de 1610 (e encenada em primeiro de novembro de 1611), "A Tempestade" é considerada a última peça completa escrita por Shakespeare e equivale ao testamento do bardo de Strattford, sobretudo porque 1610 é o ano em que Shakespeare volta para sua Strattford-upon-Avon natal, abandonando a vida do teatro. Reforçando esta tese, há grande identidade entre a personagem central, Próspero, e o próprio autor. O enredo parece original e a única fonte que poderia ter servido de inspiração é o acidente marítimo similar ocorrido, na Bermuda, em junho de 1609, envolvendo uma flotilha britânica que ia na direção da América, carregando o novo governador da Virgínia.

Ambientada numa hipotética ilha no Mediterrâneo, é a peça mais "fantástica" de Shakespeare. A ação compreende o período de três horas entre a tremenda tempestade que se abate sobre as naus das comitivas reais de Nápoles e Milão e o esclarecimento dos fatos. Certos aspectos da obra lembram uma *"mystery play"*.

Primeiro ato

Cena I

Tempestade sobre o mar. O capitão e os marinheiros lutam para salvar o navio. Os nobres embarcados, Alonso, rei de Nápoles; Sebastião, seu irmão; Antônio, o duque de Milão; Ferdinando[1], príncipe de Nápoles; Gonçalo, um *"idoso e honesto conselheiro"* e outros, assustados com a borrasca, sobem à procura do capitão, mas o contramestre os expulsa do convés:

> **"CONTRAMESTRE**
> *Rogo-lhes que permaneçam lá embaixo.*
>
> **ANTÔNIO**
> *Onde está o Capitão, Contramestre?*
>
> **CONTRAMESTRE**
> *Os senhores não o estão escutando? Os senhores estão atrapalhando nosso trabalho; voltem para os seus camarotes, e fiquem lá. Assim, os senhores estão ajudando a tempestade.*
>
> *(...)*
>
> **GONÇALO**
> *Muito bem. Mas lembra-te de quem tens a bordo.*
>
> **CONTRAMESTRE**
> *Ninguém a quem eu ame mais que a mim mesmo. O senhor é um Conselheiro, pois não? Se puder ordenar a estes elementos da natureza que silenciem, se puder restabelecer a paz neste*

[1] Nota do resumidor: o nome "Ferdinand", tanto em inglês como em alemão, é melhor traduzido por "Fernando" em português.

instante, não mais pegaremos em corda alguma. Use a sua autoridade, senhor. Se não for possível, dê graças por ter vivido vida tão longa e prepare-se, em seu camarote, para a hora do infortúnio, se ela vier.. – Ânimo, meus bons amigos! – Fora do nosso caminho, estou repetindo." (pág. 8)

Os passageiros gritam nos camarotes, discutem com o contramestre, enquanto a tempestade se agrava. Marinheiros completamente molhados dizem que está *"tudo perdido. Vamos rezar, vamos rezar!"* Compreendendo a dramaticidade da situação, Gonçalo convoca todos a assistir o Rei e o Príncipe e torce para que o destino do contramestre seja o enforcamento (*"se morrer enforcado não é sina dele, o nosso é um caso perdido"*). Os nobres amaldiçoam os tripulantes, chamando-os de *"esponjas"* e *"bêbados"*. O navio parte-se no meio, enquanto Gonçalo se lamenta:

"GONÇALO
Agora eu daria mais de cem mil milhas de mar por um acre de deserto, ou de charneca infindável, ou de tojo amarronzado, ou de qualquer coisa. Que a vontade divina seja feita, mas eu ainda teria preferido morrer de morte seca." (pág. 11)

Cena II

Na ilha estão Próspero e Miranda, pai e filha. Miranda comenta a tempestade e o naufrágio:

"MIRANDA
Se através de sua Arte, meu querido e amado pai, o senhor colocou as águas selvagens nesse rugir, abrande-as. O céu, ao que parece estaria derramando um betume fedorento não fosse o mar, que galopando sobe até a conturbada face do firmamento e a coice termina com o fogo de seus relâmpagos. Ah, sofri eu, meu pai, com aqueles a quem assisti sofrendo: um navio esplêndido (que, sem dúvida, trazia em seu ventre nobre criatura), e arrebentado em pedaços! Ah, os gritos bateram com força no imo do meu coração; pobres almas, sucumbiram. Fosse eu algum deus poderoso e teria feito o mar naufragar na terra primeiro, antes que ele engolisse daquele jeito a bela embarcação e sua carga de almas.

(...)

PRÓSPERO
Não houve danos. Tudo o que fiz foi por zelo a ti (a ti, minha querida; tu, minha filha), ignorante como estás de quem tu és, sem nada saber sobre de onde venho, desconhecendo quem sou mais do que Próspero, o senhor de uma tão pobre morada. E teu pai, nem melhor, nem pior.

MIRANDA
Saber mais jamais ocupou meus pensamentos.

PRÓSPERO
É hora de eu te tornar ciente de certas coisas. Estende-me tua mão e arranca de mim o meu manto mágico. Isso. – Agora, minha Arte, repousa. – E tu, enxuga teus olhos, consola-te. O espetáculo medonho do naufrágio que tocou a própria essência da compaixão em ti, eu o planejei com tal segurança, foi tal a previdência de minha Arte, que não há uma única alma, nem uma, que tenha perdido um fio de cabelo sequer. Nada aconteceu às criaturas daquele navio que tu ouviste gritando, que tu viste naufragando. Senta, pois agora careces de saber mais." (págs. 11-13)

Próspero explica a Miranda que ela não se lembrava de nada porque, quando havia chegado à ilha doze anos antes, tinha apenas três anos. Revela à filha sua verdadeira identidade, a de duque de Milão, *"um príncipe com muito poder nas mãos"*. Próspero conta-lhe que seu irmão Antônio[2] era a pessoa que ele mais amava no mundo, tanto que o colocou a *"administrar o estado"* que, àquela época, era *"dos ducados o melhor"*. Tendo passado o governo para Antônio, Próspero dedicou-se às *"artes liberais"*, tendo nelas depositado todo o *"interesse e dedicação"* e ao Estado foi ficando *"estrangeiro"*, *"arrebatado e absorto que estava em estudos secretos"*. Enquanto isso, queixa-se Próspero, Antônio recriava *"as criaturas que eram*

[2] Nota do resumidor: Antônio é um dos náufragos da tempestade.

minhas, digo, substituiu-as, ou então de novo as modelou". Próspero continua o relato dizendo que seu irmão havia decidido ser o *"Senhor Absoluto de Milão"*.

> **"PRÓSPERO**
> *Quanto a mim, coitado, minha Biblioteca era um Ducado vasto o suficiente; de exercer qualquer autoridade secular já me julgava ele agora incapaz."* (pág. 16)

Antônio teria também se tornado *"confederado"* ao Rei de Nápoles, *"disposto a pagar-lhe tributos anuais"* e *"dobrar a espinha de um ducado até ali altivo e sobranceiro"*. Miranda comenta que *"bons ventos geraram filhos ruins"*. Continuando o relato, Próspero diz que no acordo entre Antônio e o rei de Nápoles, *"inveterado inimigo de Próspero"*, estava incluído o conveniente desaparecimento dele e de Miranda, que foram então transportados, para morrer à deriva, até um casco desgovernado de um navio em alto mar: *"Foi dentro dessa casquinha que nos atiraram, para que ali ficássemos, gritando para o mar, que nos respondia rugindo; suspirando para o vento, que nos retrucava suspirando de volta, condoído, nos afastando da costa."* Este método de simulação de um naufrágio teria sido escolhido para não levantar o povo que amava o seu Rei. Pai e filha só teriam alcançado a praia da ilha com vida por causa *"da providência divina"* e porque Gonçalo[3], um nobre napolitano encarregado do exílio, lhes cedera secretamente água, comida, roupas reais, utensílios de primeira necessidade e livros da própria biblioteca de Próspero, que ele *"prezava mais que... o próprio Ducado"*. Acaba o relato revelando:

> **"PRÓSPERO**
> *Pois saibas então que, por acidente dos mais bizarros, a Fortuna, deusa liberal e cega (hoje minha amada Companheira), encarregou-se de trazer meus inimigos a esta praia. Por minha presciência, sei que o meu zênite depende de auspiciosa estrela, cuja influência devo agora cortejar, e não menosprezar, pois do contrário minha boa sorte definhará."* (pág. 19)

Entra Ariel, um gênio que havia vindo prestar contas do naufrágio - *"o fogo e os estrondos crepitantes e sulfurosos pareciam sitiar até mesmo o poderosíssimo Netuno"* - que havia conduzido com tal precisão que *"não houve viva alma que não sentisse a febre da loucura, que não entrasse em desespero"*. O jovem Ferdinando, príncipe de Nápoles e primeiro a se atirar na água, teria gritado: *"O inferno está vazio, e os demônios estão todos aqui"*. O gênio confirma que, seguindo as orientações de Próspero, nenhuma alma havia se perdido e os náufragos haviam sido dispersados em quatro grupos pela ilha. O resto da frota havia sido poupada e navegava *"melancolicamente as águas do Mediterrâneo"*, certos de que o navio do Rei naufragara.

Próspero, satisfeito, avisa Ariel de que outras tarefas o esperam, mas este cobra-lhe o cumprimento da promessa que Próspero fizera de o libertar. Próspero diz-lhe que o tempo ainda não havia expirado e relembra de como ele, Próspero, o libertara da prisão imposta pela repugnante bruxa Sicorax, *"que virou anã de tão curvada pela idade e pela inveja"* e que, por estar grávida, não tinha sido morta, mas expulsa da Argélia e deixada na ilha para ter seu filho Caliban. Sicorax idolatrava certo deus chamado Sétebos. Próspero lembra Ariel de que ele mesmo lhe havia relatado como a bruxa o havia confinado a um tronco de pinheiro.

> **"PRÓSPERO**
> *Assim aprisionado permaneceu você, dolorosamente, por doze dolorosos anos, e nesse meio tempo ela morreu, esquecendo-se de você ali no pinheiro, onde você soprava seus gemidos no vento tanto quanto as pás de uma roda de moinho batem na água. Depois disso, esta Ilha não teve a honra de contar com uma figura humana, à exceção da cria que Sicorax, como uma cadela, pariu aqui: um filho sardento[4], um filhote de bruxa."* (pág. 24)

Próspero promete dispensá-lo em dois dias e lhe ordena que se transforme numa ninfa dos mares. Tendo Ariel saído, Próspero vai visitar Caliban, *"filho sardento"* de Sicorax e seu escravo para tarefas como fazer

---

[3] Nota do resumidor: Gonçalo também está no naufrágio.

[4] Nota do resumidor: No original está marcado *"a freckl'd whelp"* que Carlos Alberto Nunes preferiu traduzir por *"um monstrengo manchado"* (in "A Tempestade", Edições Melhoramentos, 2ª. edição, São Paulo, 1954")

fogo, buscar lenha e pequenas tarefas domésticas. Enquanto vão ao encontro de Caliban, volta Ariel transformado em ninfa, Próspero lhe sussurra alguma coisa nos ouvidos e Ariel parte. Encontram Caliban preso numa caverna. Assim que os vê, Caliban amaldiçoa os amos:

> **"CALIBAN**
> *Que caia sobre vocês dois o orvalho da madrugada, tão amaldiçoado como o que minha mãe colhia, com uma pena de corvo, de um pântano insalubre. Que bafeje em vocês a umidade do vento sudoeste, e que ele os cubra de feridas pustulentas."* (pág. 26)

Caliban reivindica a propriedade da ilha como herança de sua mãe Sicorax e lembra que Próspero o tratava bem quando ali chegara e o *"ensinava como nomear as duas grandes luzes; a maior, que governa o dia, e a menor, que governa a noite"*. O filho de Sicorax acusa Próspero de o ter *"confinado, nesta inóspita laje de pedra, enquanto tiras de meu alcance o resto da Ilha"*. Próspero retruca que o havia tratado muito bem até ele tentar *"violar a honra de Miranda"*, quando foi confinado ao ventre de uma rocha.

> **"CALIBAN**
> *Ah, e então! Ah, tomara tivesse acontecido. Tu me impediste, mas eu poderia ter povoado esta Ilha de Calibanzinhos."*
>
> **MIRANDA**
> *Escravo abominável, que não se deixa impregnar de nenhuma marca de benevolência, sendo capaz de todas as maldades: tenho pena de ti. A trabalheira que me deu fazer-te falar, a cada hora te ensinando uma coisa ou outra, quando nem tu mesmo sabes, selvagem, o que queres dizer. Quando ainda grasnavas, como coisa a mais bruta, facultei palavras aos teus propósitos, o que os tornou incompreensíveis. Os de tua raça vil, porém (embora tenhas aprendido), tinham isto neles, essa coisa que os de boa natureza não toleram. Assim, foste merecidamente confinado ao ventre desta rocha, pois merecias mais que uma prisão."* (pág. 27)

Próspero manda Caliban ir buscar lenha e ameaça torturá-lo com *"velhas cãibras"*, colocar *"dores nos ossos"* e o fazer *"uivar tanto que as feras vão estremecer ante* (s)*eus berros"*.

Enquanto isso, o príncipe Ferdinando está sentado numa pedra. Ariel, invisível, seguindo instruções de Próspero, cantarola versinhos fúnebres em volta dele. Ferdinando, que lamenta a perda do pai, quer saber de onde vem a música que celebra a memória do Rei que ele julga afogado.

> **"ARIEL** *(cantando)*[5]
> *A trinta pés repousa teu pai;*
> *Seus ossos agora são corais;*
> *Seus olhos, um par de pérolas.*
> *E nada estraga, e nem se perde:*
> *Tudo nele se transforma, no mar,*
> *Em algo mui rico e singular.*
> *De hora em hora, ninfas vêm tocar*
> *Coro: Blão, blim, blão*
> *Escuta, cristão, ouve, que os sinos tocam*
> *Blão, blim, blão."* (págs. 29-30)

---

[5] Nota do resumidor:

Tradução alternativa de Carlos Alberto Nunes:
"Teu pai está a cinco braços
Dos ossos nasceu coral,
dos olhos, pérolas baças,
Tudo nele é perenal;
Mas em algo peregrino
transforma-o o mar de contínuo.
O sino das ninfas soa:
(coro). Dim, dim, dão!
Escutai como reboa.
(coro). Dim, dim, dão!"

(In "A Tempestade", Edições Melhoramentos, 2ª. edição, São Paulo, 1954)

Tradução alternativa de Augusto de Campos:
"Teu pai repousa em paz a trinta pés:
De seus ossos coral se fez
Aquelas pérolas que vê
Foram seus olhos uma vez;
Nada que é dele se perdeu,
Metamorfose o reverteu
Em algo estranho e nobre.
Sereias tangem o seu dobre
Dlin-dlão
Silêncio! O sino agora,
Dlin-Dlão."

(in "ABC da Literatura" de Ezra Pound, Cultrix, São Paulo, 2003)

Próspero, à distância, mostra Ferdinando para Miranda, que ela julga tratar-se de um espírito por não conhecer outro ser humano, além do pai e Caliban. Ela fica encantada: *"Eu poderia chamá-lo de uma coisa divina, pois nada vi na Natureza que fosse tão majestoso"*. Próspero diz para si mesmo: *"Vejo que tudo se encaminha do modo como sugere a minha alma"*.

Próspero e Miranda se aproximam do rapaz que, ao ver Miranda, pensa que se trata de uma *"deusa para quem tocam esses cantos etéreos"* e quer saber se ela é *"divina ou humana, casada ou donzela"*. Ela diz que é donzela. Misturando as emoções, *"com os olhos em maré cheia"*, Ferdinando lamenta o desaparecimento de seu pai e de todos os lordes, entre eles o duque de Milão, que ele não sabe ser o usurpador do trono de Próspero.

O rapaz declara-se a Miranda: *"Ah, se virgem, e sua afeição ainda não comprometida, faço de você rainha de Nápoles"*. Próspero intervém para reduzir a velocidade do romance:

> **"PRÓSPERO**
> *- Alto lá, senhor. Mais uma palavrinha. –* (À parte) *– Cada um tem o outro em seu poder. Mas esse negócio rápido eu preciso tornar difícil, evitando assim que ganho fácil por demais signifique prêmio fácil. – Mais uma palavrinha. Ordeno-te que me prestes atenção: estás usurpando um nome que não te pertence, e te posicionaste nesta Ilha como espião, para tomá-la de mim, o Senhor da Ilha."* (pág. 32)

Ferdinando reage: *"Não, por minha palavra de homem que não é assim"*. Próspero ameaça manietar-lhe o pescoço e os pés juntos, fazê-lo beber a água do mar, comer mexilhões não comestíveis dos regatos e outras coisas desagradáveis. Quando Ferdinando tenta sacar a espada, um encanto o paralisa. Miranda, sem entender o plano do pai, defende o rapaz, insistindo em que nada *"de maligno poderia habitar um tal templo"* e propõe ser *"sua fiadora"*. O pai lhe diz que comparado à maioria dos homens – que Miranda nunca viu – aquele ali é um *"Caliban"*, mas ela não se conforma: *"Então meus afetos são os mais modestos: não ambiciono ver um homem mais bonito"*. Enfeitiçado por Próspero, Ferdinando não tem como reagir, mas declara que se submeteria à própria prisão, se uma vez por dia pudesse contemplar aquela donzela.

> **"FERDINANDO**
> *Que os quatro cantos da Terra façam bom uso da liberdade; eu, em prisão assim, teria espaço suficiente."* (pág. 34)

Miranda tenta reconfortar o príncipe imobilizado, dizendo não ser aquele o modo usual de agir do pai. Próspero a censura teatralmente: *"Não quero ouvir nem uma palavra em defesa dele"*.

Segundo ato

Cena I

Os náufragos Alonso, rei de Nápoles, seu irmão Sebastião, o usurpador Antônio, o bom e velho conselheiro Gonçalo, os lordes Adriano e Francisco e outros estão reunidos na praia. Gonçalo está feliz por não terem morrido: *"Não é senão por milagre ... que um punhado em milhões pode falar como nós"*. O grupo discute e ironiza Gonçalo. Este diz que ali tudo é *"favorável à vida"* e se espanta ao perceber que os trajes *"estão agora tão limpos como quando os vestimos pela primeira vez em África, para o casamento de Claribel, a formosa filha do nosso Rei, com o rei de Túnis."* Mas o rei Alonso, que voltava com comitiva do casamento da princesa, não compartilha a alegria dos outros, por causa da aparente perda de seu filho Ferdinando.

“**ALONSO**
Estás me entupindo de palavras os meus ouvidos, e isso me revolta o estômago e a disposição. Quisera eu jamais ter casado minha filha em Túnis. Por ter ido lá, perdi meu filho e (a meu ver) ela também; tão longe está ela da Itália que nunca mais a verei. – Ah, e tu, herdeiro meu de Nápoles e Milão, que notável e estrangeiro peixe terá feito de ti refeição?” (pág. 41)

Os nobres tentam convencer o rei Alonso de que seu filho está vivo. Para distraí-lo, Gonçalo, sob chacota dos outros, conta ao Rei o que faria, se encarregado fosse de colonizar aquela ilha:

“**GONÇALO**
Em minha nação eu executaria (ao contrário do que é costumeiro) tudo e todos[6]*: nenhuma espécie de comércio eu admitiria; nenhum tipo de magistratura; não haveria homens letrados, nenhuma riqueza, nenhuma pobreza, nem o uso de criadagem: nada de amos, nada de serviçais, nada. Contratos, sucessão por hereditariedade, demarcação de terras, fronteiras, lavouras, vinhedos, ...nada! Não se usava nem metal, nem cereais, nem vinho, nem azeite. Ninguém teria uma ocupação. Ócio para todos! ...inclusive as mulheres... e todos seriam inocentes e puros. Uma nação e nenhuma soberania.*
(...)
Sem necessidade de suor ou esforço, encarrega-se a Natureza de produzir todas as coisas do uso de todos. Traição, crime, espada, lança, punhal, arma de fogo, a necessidade de artefatos de guerra, eu não admitiria, porque a Natureza, por sua própria natureza, ofereceria a todos a farta colheita, toda a abundância que alimentasse o meu povo inocente.
(...)
Com tal perfeição eu governaria, meu senhor, a ponto de superar a Idade do Ouro.” (págs. 43-44)

Ariel, invisível, junta-se ao grupo e toca *“uma música solene”*. Todos adormecem com exceção do rei de Nápoles, de seu irmão Sebastião e de Antônio, o irmão usurpador de Próspero. Alonso acaba adormecendo também (*“Raras vezes o sono visita a tristeza e, quando o faz, é um consolo”*). Antônio e Sebastião estranham terem todos adormecido juntos, *“como se tivessem combinado”*, e começam a conspirar contra o rei de Nápoles. Antônio, que já havia usurpado o trono de Próspero, diz a Sebastião, irmão de Alonso, que *“sua exacerbada imaginação vê uma coroa que se vai colocando sobre tua cabeça”*. Sebastião, prudente, lembra-o de que mesmo que Ferdinando tenha se afogado, a herdeira seria Claribel, agora rainha de Túnis, mas Antônio repara que ela *“mora dez léguas para lá de qualquer vestígio de civilização”* e que ela não tem *“notícias de Nápoles a menos que o sol fosse o mensageiro”*. Antônio insiste em que cada metro entre Claribel e Nápoles grita: *“Como conseguirá essa Claribel fazer seu caminho de volta até Nápoles? Permaneça em Túnis, e deixe Sebastião acordar”*. O usurpador deixa mais claro ainda:

“**ANTÔNIO**
- Ah, se você raciocinasse com a minha mente: que sono não seria esse para a sua posteridade! Está me entendendo?

SEBASTIÃO
- Penso que sim.

ANTÔNIO
- E o seu contentamento em ouvir-me, como se expressa ele nessa boa fortuna que está sorrindo para você?

SEBASTIÃO
- Lembro-me que você tomou o lugar de seu irmão Próspero.

ANTÔNIO
- Realmente. E repare como me cai bem essa real indumentária, bem mais ajustada que antes. Os vassalos de meu irmão eram àquela época meus companheiros; agora são meu séqüito.” (pág. 50)

---

[6] Nota do resumidor: No original está marcado – *“In the commonwealth I could by contraries execute all things”* que foi traduzido por Carlos Alberto Nunes deste modo: *“Não, na república faria tudo pelos contrários”* (in “A Tempestade”, Edições Melhoramentos, 2ª. edição, São Paulo, 1954).

Antônio diz que não tem consciência e que, com *“esta lâmina obediente”*, pode pôr o rei de Nápoles *“para dormir para sempre”*, enquanto Sebastião faria o mesmo com Gonçalo, *“este Senhor Prudência”*. Os outros, *“sugestionáveis,... vão dançar conforme a música de nossa composição”*. Sebastião acaba concordando:

> **“SEBASTIÃO**
> *- Teu caso, meu caro amigo, será meu precedente: como tomaste Milão, terei Nápoles. Pega de tua espada, e um golpe te libertará do tributo que pagas, e eu, o Rei, dedicarei a ti meu afeto.*
>
> **ANTÔNIO**
> *- Juntos pegaremos de nossas espadas. E quando eu erguer o punho, você faz o mesmo e deixa sua espada cair sobre Gonçalo.”* (pág. 51)

Enquanto Antônio e Sebastião preparam-se para cometer o duplo crime, entra Ariel, invisível, e diz no ouvido de Gonçalo que ele e o Rei correm perigo:

> **“ARIEL** (no ouvido de Gonçalo)
> *O senhor aqui deitado, roncando,*
> *Enquanto, de olhos abertos,*
> *Uma conspiração vai se tramado!*
> *Se o senhor à sua vida tem amor,*
> *Sacuda o sono e levante-se,*
> *Acorde-se! Acorde, por favor.”* (pág. 51)

Gonçalo e Alonso acordam imediatamente do sono mágico e os conspiradores, flagrados pelo grupo de espada em punho, justificam o gládio desembainhado como reação a um *“ruidoso irromper de urros, como touros, ou melhor, leões”,* que os outros juram não ter ouvido. Gonçalo diz ao Rei: *“Que os céus o protejam dessas feras, pois ele com certeza está nesta ilha”*.

Cena II

Caliban carrega um fardo de lenha desejando que *“todas as inflamações que o sol suga nos brejos, cheias e pântanos caiam sobre Próspero e façam de cada polegada de seu corpo uma doença ambulante”*. Ouve-se um barulho de trovão. Aparece um dos náufragos, o bufão Trínculo. Caliban julga tratar-se de *“um espírito”* mandado por Próspero e se deita no chão, cobrindo-se estabanadamente com seu manto.

Trínculo queixa-se da falta de local onde se esconder da tempestade que se forma e descobre Caliban ali deitado: *“O que temos aqui, um homem, ou um peixe? É um fedor de peixe, e fedor muito velho!”*... *“Tem pernas como um homem; e barbatanas que parecem braços. Mas Deus, está quente!”* Como o temporal começa, ele se mete debaixo da capa com Caliban.

Entra Estéfano, um despenseiro[7], trazendo uma garrafa na mão, bebendo e cantarolando canções obscenas. Caliban move-se e se denuncia sob a capa. Estéfano, bêbado, pensa estar vendo uma criatura de *“quatro patas”* e quer levá-lo para Nápoles para vendê-lo ou dá-lo de presente para o Rei. Força-o a tomar vinho, que Caliban aprecia muito. Enquanto isso, Trínculo, o outro sob a capa, reconhece a voz do supostamente “afogado” Estéfano e conclui que ali estão demônios: “*Ah, Senhor meu Deus, defendei-me”*. Estéfano reage: *“Quatro pernas e duas vozes: um monstro deveras encantador”*.

Trínculo reconhece finalmente Estéfano: *“Ah, Estéfano, será possível que dois napolitanos escaparam com vida?”* Contam um para o outro como haviam se safado. Estéfano diz que havia salvado um tonel inteiro de vinho sobre o qual havia boiado no mar até a praia.

---

[7] Nota do resumidor: No original, *“butler”*, mas no conceito moderno, um *“sommelier”*.

Por causa daquela *"bebida celestial"*, Caliban pensa que Estéfano é um corajoso deus e, impressionado com a dupla, lhes promete: *"Eu vos mostrarei cada fértil polegada desta Ilha; e beijarei vossos pés; eu vos peço, sede meu deus"*... *"Eu vos beijarei os pés. Presto juramento e me faço vosso súdito"*. Como eles concordam em segui-lo, Caliban vai cantarolando feliz da vida:

> **"CALIBAN**
> *Dique para pegar peixes, não faço mais*
> *Lenha, ao ser mandado, não busco mais,*
> *E os pratos, não esfrego nem lavo mais!*
> *Ca, Ca, Caliban, Caliban, ban, ban, Cacá*
> *Tem novo amo; e o senhor que pegue novo escravo!*
>
> *Liberdade! Que dia a ser celebrado! Que dia! Celebre-se a liberdade, a liberdade! Que dia a ser celebrado! Liberdade!"* (pág. 62)

Terceiro Ato

Cena I

Entra Ferdinando carregando uma tora de madeira, tarefa imposta por Próspero e que ele executa com satisfação, porque a dama a quem serve *"reanima o que está morto e faz, de* (seus) *labores, alegrias."*

> **"FERDINANDO**
> *- Preciso remover milhares dessas toras e empilhá-las, para cumprir com uma severa injunção. Minha doce Dama chora ao me ver trabalhar e diz ocupação assim tão vil jamais teve tal executor. Eu nem penso nisso. Mas esses doces pensamentos vêm suavizar meus labores justo quando neles estou mais ocupado."* (pág. 63)

Miranda vem e se compadece dele, desejando que um relâmpago ponha fogo nas toras que Próspero havia obrigado Ferdinando a empilhar. Ela quer ajudar, mas ele não deixa e, pela primeira vez, lhe pergunta o nome. Ela lhe conta, esquecendo da proibição imposta pelo pai. Os jovens trocam frases apaixonadas e ela jura por sua virgindade (*"a jóia do meu dote"*) que não deseja outro companheiro que não ele. Ferdinando corresponde:

> **"FERDINANDO**
> *- Escute, Miranda, o que diz minha alma: no instante em que a vi, meu coração alçou vôo, veio prostrar-se ao sabor de suas ordens e aí reside, para fazer-me escravo delas, e é por sua causa que sou este paciente lenhador."* (pág. 66)

Os jovens fazem juras de amor:

> **"FERDINANDO**
> *- Serás minha Dama e minha querida, e eu diante de tua pessoa serei sempre assim humilde.*
>
> **MIRANDA**
> *- Serás então meu esposo?*
>
> **FERDINANDO**
> *- Sim, com o coração tão desejoso como uma escravidão que anseia por liberdade. Aqui tens minha mão.*
>
> **MIRANDA**
> *- E aqui a minha, e nela o meu coração."* (pág. 67)

Cena II

Entram Caliban, Estéfano e Trínculo. Os três, bêbados, combinam solenemente de só beber novamente água quando acabar o vinho. Caliban agora simpatiza só com Estéfano: *"Deixai-me lamber vosso sapato. A ele não obedecerei; ele não é corajoso"*. Trínculo reage: *"Ora, seu debochado de uma figa, burro que tu és, já se viu homem covarde que bebesse tanto vinho branco quanto eu hoje?"* Estéfano defende Caliban, agora seu escravo auto-proclamado: *"Trínculo, cuidado com a língua... O pobre monstro é meu súdito, e não será vítima das suas ignomínias"*. Prestigiado, Caliban conta ao seu novo amo que é prisioneiro de um tirano *"que com sua esperteza (lhe) roubou a ilha"*. Neste momento, Ariel, imitando a voz de Trínculo, diz: *"Mentira!"* Caliban reage chamando Trínculo de *"macaco palhaço"*, mas este, indignado, declara que não havia dito nada. Caliban continua a contar suas misérias e quer convencer Estéfano a *"cravar um prego na cabeça"* de Próspero enquanto o velho estiver dormindo. (Estéfano, deste modo, seria o novo senhor da ilha e Caliban o seu escravo.) Ariel, novamente imitando a voz de Trínculo, diz: *"É mentira, não podes fazer isso"*. Caliban suplica a Estéfano que dê uns sopapos em Trínculo e lhe retire a garrafa das mãos: *"Quando ele não a tiver mais, beberá nada além de água do mar, pois a ele não mostrarei onde estão os córregos de água doce"*. Trínculo insiste em que não havia dito nada. Ariel imita a voz dele novamente e Estéfano dá uns safanões no bufão.

Caliban, agora satisfeito, retoma detalhes do plano, lembrando que Próspero tinha o hábito de cochilar depois do almoço. Nesta ocasião, Estéfano, depois de tomar-lhe *"os livros"*, poderia rachar-lhe o crânio ou fincar-lhe uma estaca na barriga. O filho de Sicorax recomenda fortemente que em primeiro lugar é necessário tomar posse dos livros, sem os quais Próspero é apenas *"mais um palerma embriagado como ele"*. Caliban sugere também que Miranda ficaria também muito bem na cama de Estéfano. O despenseiro concorda com o plano. Neste momento, Ariel, invisível, começa a tocar uma música com tamboril e flauta, com o objetivo de os atrair. Como a dupla se assusta, Caliban explica:

> **"CALIBAN**
> *- Não tenhais medo; a Ilha é cheia de ruídos, sons e doces brisas que dão prazer e não fazem mal. Tem vezes em que mil instrumentos metálicos ressoam em meus ouvidos; outras vezes, vozes que, mesmo tenha eu acordado de um longo e profundo sono, fazem-me dormir de novo, e então, em sonhos, as nuvens a mim parecem abrir-se, exibindo riquezas que me vão cair no colo, de maneira que, quando acordo, caio no choro, porque meu desejo é voltar a sonhar."* (págs. 74-75)

Cena III

Entram Alonso, Sebastião, Antônio, Gonçalo, Adriano, Francisco e outros. Caminham à procura de Ferdinando. Gonçalo está cansado e pede para descansar (*"Meu esqueleto é velho e dói. Esta caminhada vai mesmo num labirinto, segue retas e meandros"*). Antônio e Sebastião comentam, malignamente, entre si, que não desperdiçariam a próxima oportunidade.

> *Música solene e estranha, e Próspero acima (invisível). Entram figuras estranhas diversas, que trazem para a cena um banquete de vinho, frutas e doces; dançam pelo palco com gestos suaves de saudação, e assim convidam o Rei, etc. a comer e retiram-se.* (pág. 76)

Estão todos surpreendidos. O Rei de Nápoles se pergunta: *"Céus, dai-nos gentis anjos da guarda! O que eram essas figuras?"* Gonçalo exclama: *"Se em Nápoles eu fosse relatar isso agora, as pessoas me acreditariam?"* Quando Alonso diz que algumas daquelas criaturas fantasmagóricas são mais nobres e gentis que a raça humana, Próspero, à parte, comenta: *"Sois um lorde honesto, e falaste muito bem, pois alguns de vós, aqui presentes, são piores que demônios"*:

Quando o grupo faminto se atira sobre a mesa, Ariel, em forma de harpia, faz desaparecer tudo. Todos puxam as espadas. Ariel, em voz alta, os acusa de serem homens pecadores e, entre os homens, os que menos merecem viver. Diz-lhes também que havia sido encarregado de ensandecê-los e que ele e seus companheiros eram ministros do Destino e, portanto, invulneráveis:

> **ARIEL**
> *"... - vocês os três de Milão derrubaram o bom Próspero; entregaram-no, ele e sua inocente filhinha, ao mar, que agora vingou-se. Por aquele ato infame de vocês, os poderes divinos, que se demoram mas não esquecem, inflamaram o mar e as marés, sim, todas as criaturas contra a paz de vocês três. A ti, Alonso, privaram-te de teu filho; e agora anunciam, através de mim, a mais completa ruína, a mais demorada destruição, pior que toda espécie de morte repentina, e vai acompanhá-los passo a passo vocês e cada movimento seu; e vocês não têm como se proteger dessa ira que cairá sobre suas cabeças aqui, na mais desolada Ilha do mundo, a não ser que se arrependa o coração de vocês e seja imaculada sua vida subseqüente."* (págs. 79-80)

Ariel desaparece em meio a trovões. Logo depois, já junto a Próspero, o gênio é elogiado por não ter omitido nada de suas instruções.

Enquanto isso, na cena da aparição, o pasmo olhar do rei de Nápoles relaciona o crime contra Próspero ao fato de seu filho *"agora no lodo ter o leito"*.

> **ALONSO**
> *" – Por isso meu filho agora tem no lodo o seu leito; mas eu vou procurá-lo, e vou mais fundo que qualquer sonda de navegação, e com ele repousarei, coberto de lama."* (pág. 81)

Voltando à casa de Próspero, vemos o velho mago finalmente confessando a Ferdinando que compensará os trabalhos que lhe impôs, entregando-lhe *"um terço de minha própria vida, ou minha própria razão de viver, de quem uma vez mais eu ofereço a mão, para a sua mão"*. Explica que as humilhações eram um teste do amor dele por Miranda e que ele havia passado *"admiravelmente em todas as provas"*, mas adverte-o a não *"desatar o nó da virgindade antes de ministradas todas as sagradas cerimônias, com todos os rituais santificados a que ela tem direito"*, ou os céus *"não poderão apaziguar sobre eles as doces promessas que farão vingar esse contrato"*.

> **PRÓSPERO**
> *"... – Pelo contrário, um ódio estéril, um desprezo ácido e amargurado e a discórdia cobrirão o leito de sua união com ervas-daninhas tão nojentas que vocês os dois detestarão a cama. Portanto, muita atenção, quando a luz de Himeneu se apresentar para iluminá-los."* (pág. 83)

Próspero manda Ariel buscar aquela *"turba, esses sobre quem eu lhe deleguei poderes"*. Volta-se para Ferdinando e o adverte de novo: *"As maiores juras de amor são palha para o fogo que corre as veias"*. O rapaz concorda:

> **FERDINANDO**
> *" – Posso lhe garantir, senhor, que é virgem, branca e gelada a neve que recobre o meu coração e resfria o ardor de minha masculinidade."* (pág. 84)

Aparecem como deusas gregas os espíritos que Ariel havia ido buscar. Entra Íris[8], cumprimenta Ariel fantasiado de Ceres[9] e faz-lhe um pedido em nome de Juno[10].

> **ÍRIS**
> *"- A Rainha do firmamento, cujo úmido arco-íris e mensageira sou eu, vem pedir-vos: abandonai isso tudo e vinde juntar-vos à graça soberana de minha Rainha e com ela brincar, aqui nesta relva, aqui neste lugar. Voam em grande velocidade os pavões de minha Rainha."* (pág. 85)

---

[8] Nota do resumidor: Íris, a do arco-íris, é normalmente o símbolo de união do céu e da terra. É mensageira de Juno.
[9] Nota do resumidor: Ceres (Deméter para os gregos) é a deusa maternal da terra, divindade da terra cultivada. É irmã de Juno.
[10] Nota do resumidor: Juno é o nome romano para Hera, mulher de Zeus e maior de todas as deusas. É irmã de Ceres.

Aparece a carruagem de Juno, puxada por pavões. "Ceres" pergunta à mensageira: *"Por que tua Rainha convocou-me para aqui comparecer, neste gramado assim ralinho?"*

> **ÍRIS**
> *" – Para celebrardes um contrato de amor verdadeiro, e para fazerdes generosa doação de algum presente aos abençoados amantes."* (pág. 86)

A carruagem de Juno desce.

> **JUNO**
> *" – Como vai minha generosa irmã? Vem comigo, abençoar esse casal: que possam ser prósperos, e que os honre a sua prole."* (pág. 87)

Ambas cantam:

> **JUNO**
> *" – Honras, riquezas, bênçãos nupciais,*
> *Um longo matrimônio, e mais:*
> *Que sua vida tenha muita alegria,*
> *Juno lhes deseja, em seu dia-a-dia!*
>
> **CERES**
> *- Que a terra em abundância lhes dê,*
> *Sempre cheios, silos e celeiros,*
> *Parreirais fartos, muita uva em cachos;*
> *De tanta fruta, muito galho curvado;*
> *Que ao outono siga-se a primavera,*
> *Logo após ter a colheita sua festa!*
> *Que fiquem longe a escassez e a precisão;*
> *Esta que lhes fala é Ceres, com sua bênção."* (pág. 87)

Ao chamado de Íris, entram náiades, *"ninfas de riachos sinuosos e errantes"*, para auxiliarem a *"celebrar um contrato de amor verdadeiro"*. Para dançar com a ninfas são convocados ceifeiros *"esgotados do mês de agosto"*.

As ninfas e os ceifeiros desaparecem rapidamente quando Próspero começa a falar dizendo que era chegada a hora de enfrentar o atentado de Caliban, cujos preparativos já estavam em curso: *"Muito bem! Retirem-se; agora basta."*

Juno e Ceres ascendem à sua carruagem. Todos saem. Miranda nota que nunca havia visto o seu pai destemperado daquele modo.

> **"PRÓSPERO** (dirigindo-se a Ferdinando)
> *– Você parece, meu filho, consternado, como se estivesse preso de algum temor. Anime-se, senhor. Nossa diversão chegou ao fim. Esses nossos atores, como lhe antecipei, eram todos espíritos e dissolveram-se no ar, em pleno ar, e, tal qual a construção infundada dessa visão, as torres, cujos topos deixam-se cobrir pelas nuvens, e os palácios, maravilhosos, e os templos, solenes, e o próprio Globo, grandioso, e também todos os que nele aqui estão e todos os que o receberem por herança se esvanecerão e, assim como se foi terminando e desaparecendo essa apresentação insubstancial, nada deixará para trás um sinal, um vestígio. Nós somos esta matéria de que se fabricam os sonhos, e nossas vidas pequenas têm por acabamento o sono*[11]*. Senhor, eu estou, sim, irritado. Tolere a minha franqueza; meu velho cérebro está perturbado. Não se*

---

[11] Nota do resumidor: No original está marcado *"We are such stuff as dreams are made of, and our little life is rounded with a sleep"* que Carlos Alberto Nunes preferiu traduzir por *"Somos feitos da matéria dos sonhos; nossa vida pequenina é cercada pelo sono"*. (A Tempestade, Edição Melhoramentos, 2ª. ed., São Paulo, 1954).

deixe impressionar por minha enfermidade. Se lhe agrada a idéia, retire-se para minha gruta e repouse. Vou caminhar; uma volta ou duas, para acalmar minha mente agitada.

FERDINANDO E MIRANDA
- Que o senhor encontre a sua paz." (págs. 89-90)

Próspero prepara com Ariel a defesa ao atentado. O gênio havia trazido o trio *borracho* com sua música até a poça de lodo ao lado da gruta de Próspero, onde *"lá ficaram dançando, lama até o pescoço, e a poça imunda consegue feder mais do que o chulé deles."*

Próspero lamenta-se não ter conseguido melhorar Caliban *"um demônio, um demônio de nascença"*, *"cuja natureza nenhum ensinamento consegue alterar"*.

Entram na gruta de Próspero os três bêbados completamente emporcalhados e aborrecidos por terem perdido as garrafas na poça de lodo onde chafurdavam. Trínculo vê um monte de roupas finas deixadas ali de propósito por Próspero e se encanta, vestindo-se com elas. Caliban, impaciente, quer que antes de mais nada se execute o assassinato, mas Estéfano também se encanta com um gibão pendurado num varal e o veste. A dupla experimenta alegremente as roupas que vão apanhando, enquanto Caliban, nervoso, teme que Próspero acorde e os transforme *"em ridículos gansos dos mares, ou então em símios de testa diminuta e desprezível"*. Os dois, não obstante, vão empilhando as finas roupas nas mãos de Caliban. De repente, ouvem: *"Pega, Montanha, vai!" e "Prateado! Por aqui, Prateado! Fúria, Fúria! Ali, Tirano, por ali!"* Eram Próspero e Ariel atiçando espíritos sob forma de mastins e cães farejadores contra o trio que sai correndo. Próspero ordena a seus gnomos que os persigam e lhes moam as juntas *"até fazê-las em espasmos, que lhes encurtem os tendões com as cãibras da velhice e que os deixem roxos de tanto beliscão"*.

Quarto Ato

Cena I

Próspero está usando suas vestes mágicas. Ao seu lado está Ariel.

"PRÓSPERO
- Minha alquimia agora atinge seu ponto crítico. Não falham os meus experimentos, obedecem-me os meus espíritos, e o Tempo traz em sua carruagem o minuto exato. A quantas do dia estamos?" (pág. 97)

Ariel diz que é quase meio-dia (*"aproximando-se da sexta hora"*) e que o Rei e comitiva estão no bosque de tílias, prisioneiros, e *"não se podem mover até que o senhor lhes conceda a soltura"* e que o Rei, Sebastião e Antônio *"continuam abstraídos da realidade"*, motivando a piedade dos outros, sobretudo de Gonçalo, a quem *"correm-lhe as lágrimas na barba, como pingos de inverno em teto de sapê"*. A situação do grupo seria tão entristecedora que, segundo Ariel, até nele, um espírito, amoleceria a *"irada disposição para a vingança"*.

PRÓSPERO
" - E amolecerá a mim. Pois se você, sendo tão-somente ar, ficou sensibilizado e comovido pelas aflições deles, como não irei eu, indivíduo da mesma espécie que eles, que sei me alegrar e doer com tanta intensidade quanto eles... como não irei eu, humanamente.... me comover mais que você? Embora os altos crimes por eles perpetrados tenham me deixado em carne viva, ainda assim tomo o partido de minha razão, porquanto mais nobre, contra minha fúria. A ação mostra-se mais rara na virtude que na vingança. Em sendo eles penitentes, a única intenção de meu

> *propósito agora pára de somar rugas à minha fronte. Vá, Ariel, liberte-os. Meus feitiços eu quebro, a sanidade a eles eu devolvo, e eles voltam a ser eles mesmos*." (pág. 98)

Ariel vai para buscar o grupo. Enquanto isso, Próspero traça no chão um "*círculo mágico"*, convoca todos os gênios e declara:

> **PRÓSPERO**
> *- Vós, elfos das colinas, córregos, lagos parados e bosques, e vocês, que com suas passadas nas areias não deixam pegadas e perseguem o Netuno das marés baixas e dele fogem quando surge a maré montante; vós duendes que à luz do luar fabricam círculos verdes e ácidos que as ovelhas não querem de pasto; e vós, cujo passatempo é fabricar cogumelos noturnos, vós, os que se enchem de prazer só de ouvir o sino solene anunciando o início da noite: com vossa ajuda (ainda que vós sejais fraquinhos em vossas mágicas) eclipsei o sol do meio-dia, convoquei os ventos amotinados e, entre os verdes mares e a abóbada azul-celeste, armei estrondosa guerra. Emprestei fogo ao trovão mais pavoroso e retumbante, e com seu raio parti ao meio o robusto e altivo carvalho de Júpiter. Sacudi nas bases o promontório mais sólido, e arranquei, raiz e tudo, os pinheiros e os cedros. Ao meu comando, sepulturas iam despertando os que nelas dormiam, abriam-se e, por minha poderosa Arte, deixavam-nos sair. Mas eu aqui e agora renuncio a essa mágica escabrosa; e quando eu tiver requisitado uma música celestial (o que faço neste instante) para ultimar o meu propósito sobre os sentidos desses homens, que para isso servem os sons encantatórios, quebro minha vara mágica, enterro-a em grande profundidade no solo e depois, tão fundo que nenhuma sonda possa dele captar o eco, afogarei o meu livro."* (pág. 99)

O Rei e comitiva chegam, entram no círculo que Próspero havia traçado e ali ficam enfeitiçados.

Próspero, invisível, dirigindo-se a Gonçalo, que como os outros continua em transe, comunica que o *"feitiço dissipa-se logo, logo, e, assim como o alvorecer chega de mansinho, sem que se perceba a madrugada, e derreta a escuridão, também o juízo deles vai se elevar, dissolvendo as brumas da ignorância que lhes enevoam a lucidez"*. Promete recompensar Gonçalo por sua lealdade e acusa Alonso, Sebastião e Antônio de seu crime, mas diz que o *"perdoa, por mais desnaturado que seja"*.

O grupo aos poucos vai saindo do transe e Próspero diz que *"a maré que se aproxima logo está tomando conta dessa lúcida praia que agora apresenta-se imunda e coberta de lama"*. Pede a Ariel que lhe traga o chapéu e espada para mostrar ao grupo a aparência de quando governava Milão. Depois manda Ariel ir ao navio do Rei acordar o capitão e o contramestre, que eram mantidos *"como em transe"* nos porões, e juntá-los ao grupo.

Próspero abraça Alonso e dá aos outros calorosas boas-vindas. O Rei, estarrecido com o que vê, renuncia imediatamente ao ducado de Milão e pede perdão: *"Mas como pode Próspero estar vivo e estar aqui?"*

Próspero abraça Gonçalo dizendo que não *"se tem como medir nem confinar a sua honradez"*.

Dirige-se a Sebastião e Antônio dizendo que, se fosse o seu intento, mostraria ao Rei que eles eram traidores. Ao seu irmão, diz perdoar seu crime, mas reivindica de volta o ducado de Milão.

O Rei diz que perdeu seu *"amado filho Ferdinando"* na tempestade e Próspero diz que perdeu sua filha também. Alonso, sem entender bem, lamenta:

> **"ALONSO**
> *- Uma filha mulher? Ah, céus, pudessem eles estar vivos os dois em Nápoles, Rei e Rainha! Pudesse isso ser, e eu trocava de lugar com meu filho, e me deitaria eu onde ele está, coberto de lama em leito estofado de limo. Quando foi que perdeste tua filha?"* (pág. 104)

Próspero diz que não pode explicar tudo num "café da manhã" e convida o grupo a visitar sua gruta e conhecer uma "*maravilha*": no fundo, Ferdinando e Miranda jogam xadrez tranqüilamente.

Ferdinando aproxima-se do pai e se ajoelha diante dele. Miranda está exultante: *"Que maravilha! Quantas criaturas graciosas temos aqui! Como são belos os humanos! Que admirável mundo novo*[12]*, onde tem dessas pessoas magníficas"*. Todos exultam com a situação que Gonçalo resume:

> **"Gonçalo**
> *- Será que Milão foi obrigado a sair de Milão para que sua descendência viesse a trazer reis para Nápoles? Alegrai-vos com uma alegria além do comum, e celebrai-a em ouro puro, em eternos e monumentais pilares. Em uma viagem, Claribel encontrou seu marido, em Túnis; e Ferdinando, seu irmão, encontrou uma esposa onde ele mesmo estava perdido; Próspero reencontra seu Ducado em uma pobre Ilha; e nós todos reencontramos a nós mesmos quando nem mais éramos donos de nossas próprias vontades."* (pág. 107)

Chegam o capitão e o contramestre, pasmos, e comunicam que o navio que deram *"por rachado ao meio há apenas três ampulhetas de hora está inteiríssimo e pronto para zarpar e lindamente mastreado, como quando nos fizemos ao mar"*. A um Rei crescentemente perplexo, Próspero promete contar tudo mais tarde e manda Ariel resgatar Caliban e os bêbados que, estropiados, são trazidos por Ariel vestindo os trajes que haviam roubado. Próspero conta a todos que aquele *"semidemônio"* havia tramado com os outros dois tirar-lhe a vida: *"Dois desses três devem ser vossos conhecidos, e de Vossa propriedade. Esta coisa escura*[13] *eu reconheço ser meu"*. Próspero manda o trio arrumar a gruta e o Rei os manda devolver as roupas que haviam roubado. Próspero oferece hospitalidade por aquela noite e declara que vai deixar a ilha com eles no dia seguinte:

> **"Próspero**
> *- Então, pela manhã, eu vos acompanharei até vosso navio e até Nápoles, onde espero testemunhar a celebração solene das bodas de nossos bem-amados filhos, depois do que retiro-me para Milão, onde, de cada três pensamentos meus, um será para minha sepultura."* (pág. 112)

Próspero liberta Ariel para os elementos da natureza.

Epílogo

> **"Próspero**
> *Agora meus feitiços estão todos terminados;*
> *Agora é por meu mérito se tenho algum poder*
> *Que não é grande coisa, pois eu devo lhes dizer:*
> *Preciso ficar aqui, pelos senhores confinado,*
>
> *Ou parto para Nápoles. Mas, peço, não me deixem*
> *Ficar nesta ilha nua, por vocês enfeitiçado,*
> *Se já recuperei, de meu irmão, o meu Ducado,*
> *Se já lhe perdoei, o usurpador; então libertem-me,*
>
> *Libertem-me de minha atroz prisão ainda agora,*
> *Com palmas, com aplauso, com as mãos tão generosas*
> *E as cálidas palavras que das bocas vão soprar e*
> *Meus planos vão frustrar ou minhas velas enfunar;*
>
> *Tentei, sim, agradar. Os meus espíritos escravos*
> *Agora já me faltam, e os encantos de minha Arte;*
> *Sem eles, o meu fim é o desespero, é precisar*

---

[12] Nota do resumidor: Desta fala de Miranda, Aldous Huxley extrai o título de seu romance "Admirável Mundo Novo", escrito em 1931.
[13] Nota do resumidor: No original está marcado *"this thing of darkness I acknowledge mine"*.

Da preces dos senhores: elas sabem atacar
Com sensibilidade penetrante a Compaixão
Divina, perdoando toda falha e omissão.
Assim como vocês obtêm perdão por seus pecados,
Eu posso, com as suas indulgências, ser libertado." (págs. 114-115)

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Beatriz Viégas-Farias, retirados de "A Tempestade", Editora L&PM, Porto Alegre, 2002. Os comentários mitológicos foram pesquisados no "Dicionário de Mitologia Grega e Romana" de Pierre Grimal, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000)